

a ter responsabilidade e começar a cuidar de um pet até terem outros maiores e que exigem outros tipos de cuidado”, explica.

Entre hobby e vocação

Antes de ser biólogo e sócio-proprietário da Fish in a Box, André se tornou e continua sendo um aquarista. Com 11 anos, ele ganhou da mãe o primeiro aquário de água doce. Na época, era bem mais difícil encontrar informações sobre o tema e ele colecionava fascículos vendidos em bancas de revistas e que saíam uma vez por semana. “Eu fui me encantando cada vez mais, conhecendo sobre os animais e isso se tornou muito importante na minha vida”.

O pai, militar, foi realocado e eles precisaram se mudar, período em que André ficou sem nenhum aquário. Aos 15 anos, de volta à capital, resolveu se aventurar um pouco mais e montou o primeiro aquário plantado. A pesquisa e o fascínio continuavam e aos 18 ele montou, pela primeira vez, um marinho.

Com o tanque usado de um amigo que não queria mais, equipamentos bem simples e participando de fóruns na internet, ele foi incrementando o hobby. Na faculdade, escolheu fazer biologia, um curso que o aproximava de sua paixão.

Enquanto estudava e fazia consultorias ambientais, começou a trabalhar também em uma loja de aquários, o que o ajudou a aumentar seu tanque para um de 450 litros. “Aí eu me empolguei, resolvi melhorar meu sistema, vendi esse e montei um de mil litros — do zero e como eu queria”, conta.

Conversando com um amigo e sentindo falta de mais lojas especializadas em Brasília, fazendo com que, muitas vezes, ele precisasse comprar insumos em São Paulo, surgiu a ideia de abrir a Fish in a Box. A empresa nasceu em 2012 e tinha um foco maior nas vendas on-line, mas as pessoas gostavam de visitar e ver os animais, e a dupla acabava atendendo muitos clientes com hora marcada. Dois anos depois, essa demanda fez com que os sócios abrissem uma loja maior, com mais visibilidade e atendimento ao público.

A ideia, segundo André, era, além de ganhar dinheiro trabalhando com o que gosta, ser um ponto de divulgação e incentivo do hobby, o que ele considera que foi, e continua sendo, o objetivo. O número não só de clientes fixos e de consultoria, mas de pessoas que aparecem na loja eventualmente e têm aquários está sempre crescendo.

Para unir a comunidade de aquaristas e promover uma interação, além de divulgar informações que garantem a saúde de um aquário, a Fish in a Box promove encontros, além de workshops e palestras com especialistas daqui e de outras cidades.

NEMO E DORY

O filme *Procurando Nemo*, lançado pela Disney em 2003, foi um sucesso e fez com que os jovens se apaixonassem pelos peixes representados no desenho, principalmente o peixe-palhaço, o Nemo, e o cirurgião patela, ou blue tang, a Dory. Até hoje, os peixes-palhaços estão entre os campeões de venda quando se trata de aquários marinhos.

Na época, houve um aumento de 40% na procura pelo palhaço e uma grande preocupação por parte de biólogos e pesquisadores, afinal, por mais que a mensagem do filme fosse, justamente, sobre não retirar os animais de seu habitat, a pesca e captura de palhaços e blue tang aumentaram.

Embora o peixe-palhaço seja facilmente reproduzido em cativeiro, a maioria dos blue tang vem do oceano. Ambientalistas e protetores de animais fazem um apelo para que os aquaristas optem por comprar peixes criados em cativeiro, visando diminuir a captura dos de recife.

UMA BREVE — E ANTIGA — HISTÓRIA

Artigo publicado na *Revista Negócios Pet* remonta a prática de criar peixes para contemplação aos anos 3.000 a.C, na Mesopotâmia. Evidências arqueológicas provam que os sumérios, às margens dos rios Tigre e Eufrates, tinham açudes, onde alimentavam e observavam os peixes.

Algumas centenas de anos depois, em 1.700 a.C., os egípcios antigos foram os pioneiros na criação de tanques de argila cozida com paredes de vidro em que colocavam e olhavam os peixes. Na China, na Dinastia Ming, o aquarismo se transformou em algo mais semelhante ao que vemos hoje e se espalhou pelo globo.

No Brasil, o hobby veio, oficialmente, trazido pelos franceses, no fim do século 19. No entanto, um registro escrito por um padre jesuíta menciona um tanque de peixes de observação na Bahia, em 1583. Em 1922, aconteceu a 1ª Mostra de Aquários na Exposição Internacional do Centenário da Independência, que consolidou a prática no país.

Atenção aos detalhes

Enquanto a maioria dos aquaristas começa com os menores e vai crescendo até chegar ao máximo que conseguem, o analista de DevOps Leonardo Augusto Bittes Veyl, 48, prefere os menores. “Sou detalhista e minucioso e gosto de poder observar cada elemento do aquário e cuidar da melhor forma possível”, justifica. E por mais que pareça o contrário, os menores podem ser mais trabalhosos. Leonardo explica que o volume de água mais reduzido faz com que o ecossistema seja mais sensível a qualquer desequilíbrio.

O hobby começou lá atrás, com um pequeno aquário de água doce que ganhou da mãe no início da adolescência e persiste até hoje. Ele passou por todas as categorias de aquários, variando entre os doces e os plantados por muitos anos. Há cerca de 15 anos, montou um marinho, mas não deu muito certo.

“Eu montei meio na doida, comprei na **Maeda**, que ficava no Carrefour, mas eu não tinha muito conhecimento e acabei perdendo tudo e deixando de lado por um tempo. Foquei nos doces. Foi só há alguns meses que voltei para o marinho”, conta. O principal incentivo para que ele se arriscasse de novo foi a tecnologia. Com equipamentos modernos, Leonardo consegue controlar todo seu ecossistema com aplicativos no celular.

As luzes são automatizadas, ligam e desligam sozinhas nos horários e com a intensidade predefinida, tem sistema de aquecimento ou resfriamento que atuam automaticamente se a temperatura do aquário varia 0,5°C para cima ou para baixo, e até mesmo um dosador automático que alimenta a água com um composto de nutrientes.

O plano, agora, é manter todo o equipamento e apenas aumentar o tanque de 65 litros para 100, e criar três peixes, um casal de palhaços e um grama loreto, que vão nadar entre uma série de corais.

Pioneirismo

A família Maeda é a pioneira do aquarismo na capital, com mais de 40 anos de lojas especializadas. Muitos dos aquaristas, sobretudo os de água doce, os têm como referência e amigos. Atualmente, entre o seu Maeda, patriarca da família, seu irmão, sobrinho e filho, a família tem três lojas, na Octogonal, na Asa Norte e em Vicente Pires.